

**A construção social da realidade
na cobertura internacional da GloboNews¹**

*The social construction of reality
on GloboNews international coverage*

Ana Carolina Vanderlei CAVALCANTI²

Resumo

Neste trabalho, procura-se refletir sobre o Telejornalismo como um espaço de construção social de representações do mundo, tomando como referência a cobertura internacional da GloboNews, canal de notícias da Rede Globo na TV fechada e pioneira neste segmento no Brasil, cuja principal característica é fazer jornalismo 24 horas por dia, sete dias na semana. A proposta é observar as influências do pacto que a emissora faz com os assinantes de oferecer jornalismo em tempo real – sinônimo de programação ao vivo e informação instantânea – bem como profundidade na contextualização e análise dos acontecimentos. Além disso, busca-se compreender o papel de editores, apresentadores, comentaristas, correspondentes e enviados especiais como mediadores, que organizam e interpretam a realidade social do que acontece fora do país para a audiência do canal.

Palavras-chave: Construção social da realidade. Telejornalismo. Jornalismo em tempo real. GloboNews. Cobertura internacional.

Abstract

In this article, we try to reflect on Television Journalism as a space of social construction of representations of the world, taking as reference the international coverage of GloboNews, Globo's news channel on closed television, whose main characteristic is to do journalism 24 hours a day, seven days a week. The proposal is to observe the influences of the pact that the broadcaster makes with its subscribers to offer journalism in real time - synonymous with live programming and instant information - as well as depth in contextualization and analysis of events. Moreover, it seeks to understand the role of editors, presenters, commentators, correspondents and special envoys as mediators, who organize and interpret the social reality of what happens outside the country for the channel's audience.

Keywords: Social construction of reality. Television journalism. Real time journalism. GloboNews. International coverage.

¹Este artigo foi selecionado pelo II Congresso Televisões, organizado pela Universidade Federal Fluminense, para apresentação no eixo temático Televisão e Informação.

²Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Centro Universitário UNIFBV | WYDEN e das Faculdades Integradas Barros Melo (FIBAM). E-mail: ana_carolinavc@yahoo.com.br

Introdução

O estudo das notícias como construção social da realidade tem a sua inspiração fundadora nos trabalhos da Fenomenologia Social de Alfred Schutz (CORREIA, 2005), que buscou descobrir os pressupostos, a estrutura e o significado de um mundo de sentido comum (ou de um mundo da vida cotidiana) nas relações intersubjetivas experimentadas pelo homem no processo de compreensão da realidade (SCHUTZ, 2003). As investigações de Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) também contribuíram para ressaltar que a realidade da vida cotidiana apresenta-se como um mundo partilhado e, portanto, intersubjetivo, pois o homem é um produto social. Para eles, de acordo com Miquel Alsina (2009), o conceito de construção social da realidade é um processo de institucionalização das práticas e dos papéis na vida cotidiana.

Esse processo é, ao mesmo tempo, socialmente determinado e intersubjetivamente construído. Isso nos levaria a caracterizar o processo da comunicação como sendo uma atividade socialmente legitimada, para gerar construções da realidade publicamente relevantes (ALSINA, 2009, p.20).

João Carlos Correia (2005) afirma que a influência das obras de Schutz, Berger e Luckmann provocaram linhas de investigação especialmente dirigidas para a análise da comunicação de massa, que “desempenha um lugar significativo na construção, amplificação, divulgação e partilha de significados” (CORREIA, 2005, p.124). Por meio dos aparatos de produção da mídia, a relação entre jornalistas e seus destinatários é estabelecida por um “contrato pragmático fiduciário social” e historicamente definido, segundo defende Alsina (2009, p. 47). Nesse tipo de contrato, a relação se baseia, principalmente, na confiança de que os jornalistas vão cumprir com o papel que deles se espera.

Os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza

uma prática contínua de autolegitimação para reforçar esse papel social (ALSINA, 2009, p.47).

A proposta, neste trabalho, é justamente refletir sobre o Telejornalismo como um desses espaços de construção e representação social da realidade, contrapondo a ideia de que esta é, simplesmente, reproduzida (Teoria do Espelho) pelos jornalistas nos meios de comunicação. No exercício de suas tarefas de mediação, o profissional compromete-se em buscar de forma ética a aproximação possível da realidade, como Michael Schudson (2017) explica:

Jornalistas literalmente ‘fabricam’ notícias. Não acham a notícia por aí. Não publicam uma transcrição da realidade. Por mais que se esforcem, não dão uma cópia da realidade — mas a realidade emoldurada, a realidade realçada, a realidade reconfigurada por ser exposta em uma página ou tela, a realidade retocada pela magia da publicação em si (SCHUDSON, 2017, *informação eletrônica*).

Para observar como o Telejornalismo opera essas reconfigurações, toma-se como referência a cobertura internacional da GloboNews, canal de notícias 24 horas da Rede Globo na TV fechada, e busca-se compreender o papel de correspondentes, enviados especiais, editores, apresentadores e comentaristas como mediadores que organizam e interpretam a realidade social do que acontece fora do país para a audiência do canal.

O Telejornalismo como espaço de construção social da realidade

Os telejornais, os documentários, as revistas eletrônicas, os programas de entrevistas e de debates, assim como os programas temáticos, são formatos telejornalísticos – considerados uma variação específica dentro da programação televisiva – que obedecem a regras próprias do campo jornalístico em negociação com o campo televisivo (GOMES, 2011).

Pelos noticiários televisivos, o principal formato telejornalístico, a maior parte da população brasileira se informa sobre os assuntos mais diversos (PORCELLO, 2006). Os últimos dados da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM)³, no que se refere aos

³ Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view> Acesso em: 03/01/2018

hábitos de consumo de televisão da população no país, demonstram a atualidade dessa afirmação: praticamente nove de cada dez entrevistados fizeram menção em primeiro ou segundo lugar à TV como o veículo preferido para obter informações. Portanto, apesar do atual cenário de digitalização e convergência, ainda é possível verificar “a centralidade da televisão e de seus noticiários” (COUTINHO, 2014, p.175) e afirmar que os telejornais ocupam um espaço significativo na vida das pessoas, desempenhando um papel relevante na imagem que constroem da realidade (VIZEU, 2001).

Iluska Coutinho (2009, p.108) reforça que “o conhecimento social da realidade via tela de televisão” se dá por meio de uma janela particular (e não de uma janela que permite ver o mundo), uma vez que envolve desde características do meio à política editorial da emissora responsável pelo telejornal. Neste, segundo Arlindo Machado (2009), só existem mediações. O pesquisador diz que os eventos não são apresentados como simples reflexão da realidade ou como mero recurso de aproximação de algo que acontece em outra parte. Tanto enunciados de repórteres quanto de protagonistas são mediações e condição sem a qual não se dá o relato telejornalístico. Essa perspectiva reafirma o caráter de representação da realidade do telejornal (COUTINHO, 2009).

De acordo com Alfredo Vizeu (2009), o Telejornalismo, como espaço para construção social de representações do mundo, tem uma função pedagógica, e esta se concretiza em três dimensões para produzir o conhecimento do cotidiano. Uma delas é a dos processos didáticos, que são operações na produção de uma notícia, que tornam o conteúdo mais compreensível para a audiência e podem ter origem tanto em ações individuais quanto em coletivas, internalizadas nas rotinas produtivas (VIZEU; CERQUEIRA, 2017). Vizeu e Laerte Cerqueira (2017) apresentam a ambientação, a contextualização, a complementaridade, a exemplificação e a descrição em arte como algumas dessas operações. Nas coberturas internacionais da GloboNews, é possível verificar o papel que elas desempenham na tradução de fatos e cumprem na função do campo jornalístico, transformando discursos herméticos em compreensíveis para o grande público (VIZEU, 2008).

A GloboNews e o jornalismo em tempo real

A GloboNews é o canal de notícias da Rede Globo na TV fechada, que foi inaugurado no dia 15 de outubro de 1996 como o primeiro *all news* do Brasil (PATERNOSTRO, 2006) e, ao longo dos anos, consolidou-se como o mais assistido desse gênero no país. De acordo com dados do Conselho Latino-americano de Publicidade na TV por Assinatura (LAMAC), uma entidade sem fins lucrativos, em outubro de 2016 a GloboNews teve média de 0,32 pontos⁴ de audiência (das 7h à 0h), a 14ª maior média geral da TV brasileira (TV aberta e TV fechada) e a única só de notícias a aparecer no ranking dos 20 primeiros colocados.

Na emissora, o espectador é frequentemente chamado de assinante pelos apresentadores e repórteres, estabelecendo, claramente, uma relação de prestação de serviço com quem subscreve o canal, que deve se sentir atendido em suas necessidades de informação e/ou, ainda, provocado a colaborar com a produção de notícias para continuar assistindo à programação. Ou seja, a audiência – cada vez mais potente (MESQUITA, 2016) – é tratada, ao mesmo tempo, como cliente, consumidora e uma fonte relevante na produção de conteúdo para os programas da GloboNews.

Desde 2010, o slogan da emissora é “Nunca desliga”. A sua principal característica é fazer jornalismo em tempo real, 24 horas por dia, sete dias na semana. Na televisão, tempo real é sinônimo de programação ao vivo, isto é, de transmissão direta, e informação instantânea em primeira mão. A transmissão direta, segundo Yvana Fechine (2008), é um fato técnico, que permite a produção, a transmissão e a recepção de um programa de modo simultâneo. François Jost (2004, p.18) ressalta que “a transmissão direta é portadora de uma promessa ontológica de autenticidade”. Nos telejornais, essa transmissão direta produz também um efeito de atualidade e constrói um sentido de presença entre os sujeitos envolvidos na comunicação: o telespectador recebe a informação no momento mesmo em que ela está sendo apresentada pelo noticiário, juntamente com muitas outras pessoas que assistem “juntas”, mas de lugares diferentes, ao programa (FECHINE, 2006).

Nesse sentido, é possível ressaltar, também, de acordo com Coutinho (2014, p.119), o caráter “‘socializador’ desse produto de informação televisual, na medida em que as

⁴ Cada ponto equivale a 240 mil domicílios.

notícias compartilhadas via telejornal criariam uma espécie de repertório comum entre espectadores, e a partir dele a possibilidade de novas interações sociais”. Além disso, por meio da transmissão direta de imagens e sons, a TV realiza a sua obra jornalística máxima, pois “permite ao telespectador testemunhar um fato como se estivesse presente no local” (REZENDE, 2000, p.73), uma vez que a imagem é “portadora de uma credibilidade quase religiosa nos discursos dos telejornais” (COUTINHO, 2009, p.119).

Transformar a audiência em testemunha é, justamente, um dos trunfos da aposta no jornalismo em tempo real da emissora, segundo afirma João Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações Globo, no prefácio do livro *GloboNews: 10 anos, 24 horas no ar*, editado pela Globo em 2006, com organização da jornalista Vera Íris Paternostro. Esse trunfo, que é também uma marca do canal, seria favorecido pelo fato de sua grade de programação não ser tão rígida quanto à de uma emissora da TV aberta e privilegiar, como regra e não exceção, a cobertura, em tempo real, dos fatos e acontecimentos em curso. “Em vez de apenas ser informado dos acontecimentos, o cidadão passa a acompanhar, minuto a minuto, o seu desenrolar, com todas as idas e vindas, com todas as incertezas que um processo em evolução traz consigo”, afirma Marinho (apud PATERNOSTRO, 2006, p.07). E exemplifica:

Todo fato que tenha repercussão na vida do País e do mundo pode ser acompanhado, integralmente, sem edição, por espectadores cada vez mais ávidos por informação. Não se trata de ligar a câmera e deixar que os eventos falem por si. É preciso que haja jornalistas treinados a contextualizar, de imediato, o que está acontecendo, dar informações complementares que permitam aos assinantes entender melhor a complexidade do que está sendo visto. *Nesse tipo de cobertura, a realidade está em construção*, e, assim, certa dose de imprecisão é inerente ao processo: o fato pode ser primeiramente analisado como uma coisa e ser outra (MARINHO apud PATERNOSTRO, 2006, p.07-08, grifo nosso).

É possível interpretar que o que o vice-presidente das Organizações Globo chama de “sem edição” seria, na verdade, sem interrupção, porque, mesmo em transmissões diretas há manipulação das imagens que são transmitidas à audiência, a partir da escolha dos ângulos, enquadramentos e do tempo em que cada tomada fica no ar, por exemplo. No fragmento acima, João Roberto Marinho também ressalta o papel dos jornalistas na emissora, como mediadores qualificados para o processo de desvelamento e

compreensão do mundo (COUTINHO, 2009; VIZEU, 2016). E, por fim, ele reforça a tese de que os noticiários da emissora não só acompanham realidades que estão em construção (ou desenvolvimento), como também são parte de um processo de construção social da realidade.

De acordo com Itania Mota Gomes (2007, p.26), “a relação entre programa e telespectador é regulada, com uma série de acordos tácitos, por um pacto sobre o papel do jornalismo na sociedade. É esse pacto que dirá ao telespectador o que deve esperar ver no programa”. Nessa perspectiva, o principal pacto que a GloboNews faz com os seus assinantes é oferecer jornalismo em tempo real, uma vez que as coberturas ao vivo dos acontecimentos considerados relevantes⁵ têm total prioridade na programação, e profundidade na contextualização e análise desses acontecimentos. “Essas duas vertentes, jornalismo em tempo real e jornalismo já tratado, já decodificado, são o que define uma emissora como a GloboNews, dedicada exclusivamente à informação” (MARINHO apud PATERNOSTRO, 2006, p.09).

As construções sobre a realidade do mundo na cobertura da emissora

Os correspondentes, profissionais que moram por um período indeterminado em outro país, e os enviados especiais, designados, pontualmente, para cobrir determinados fatos ou eventos, são os repórteres que representam, no exterior, as empresas de comunicação para os quais trabalham. Eles são os mediadores responsáveis por testemunhar e traduzir fatos e acontecimentos internacionais para o público de seus países de origem (CAVALCANTI, 2014). No caso dos telejornais, a presença de correspondentes internacionais também pode ser compreendida como uma legitimação em torno do universo de práticas cotidianas do fazer jornalístico.

Em outras palavras: manter correspondentes em ‘praças’ internacionais proporciona tanto um incremento no suposto contrato discursivo da emissora em traduzir de maneira mais tangível fatos ocorridos em contextos distantes de suas sedes quanto aponta para uma lógica de poder e legitimação em relação à concorrência. Dispor de correspondentes ou de escritórios em contextos internacionais envolve (altos) custos, dinâmicas peculiares das rotinas produtivas da

⁵ Os critérios de noticiabilidade adotados pela GloboNews não estão explicitados no livro – utilizado como referência neste trabalho –, nem no site da emissora na internet.

informação e formas específicas de inserção destes conteúdos nos telejornais (CAVALCANTI; SOARES, 2013, p.01).

De acordo com Paternostro (2006), a rede de correspondentes e colaboradores da GloboNews começou a ser formada antes mesmo da estreia do canal. Os primeiros foram parceiros de rádios que forneciam gratuitamente serviços em português, como BBC, France Internacional e Deutsche Welle. Esses profissionais participavam das coberturas por telefone, ao vivo. A rede depois “se expandiu no contato com dezenas de jornalistas brasileiros, espalhados em vários cantos do planeta” (PATERNOSTRO, 2006, p.122). Com os passar dos anos, os correspondentes se tornaram uma referência do canal. “Eles acrescentam dados que as agências não trazem e personalizam nossa cobertura” (BARROS apud PATERNOSTRO, 2006, p.125).

A produção em larga escala das agências de notícias dá viabilidade econômica ao noticiário internacional. Para o assinante do serviço é a possibilidade de ter mais informações por um preço muito mais baixo do que se o material fosse produzido por um correspondente ou enviado especial, custeado pelo próprio veículo. Porém, as agências entregam aos veículos um material “‘pasteurizado’ em seus assuntos e enfoques. Não há reportagens destinadas exclusivamente ao telespectador senegalês, tcheco ou brasileiro” (NATALI, 2004, p.47-48). Nesse contexto, o correspondente ou o enviado especial é visto, de fato, como um diferencial (NATALI, 2004). Por isso, como afirma Luciane Agnez (2012, p.2), os meios de comunicação “quando desejam uma cobertura internacional de alta qualidade, independente e autêntica”, investem em profissionais próprios na realização de coberturas internacionais, para não depender exclusivamente de conteúdos fornecidos pelas agências internacionais.

Na GloboNews, correspondentes e uma rede frequente de colaboradores estão presentes em cidades estratégicas nos Estados Unidos, na Europa, na Ásia e na América do Sul, de onde trazem relatos sobre acontecimentos relevantes. Os profissionais que estão em Nova Iorque e Londres contam com o apoio da estrutura dos escritórios da Rede Globo nesses locais. Os demais, não. Por isso, suas casas acabam servindo também como base e, inclusive, cenário para participações ao vivo na emissora. É importante registrar que as cidades são, na verdade, pontos de referência para as coberturas. A partir de Zurique, na Suíça, por exemplo, a jornalista Bianca Rothier responde também por outras áreas da Europa. E isso significa dizer que ela é deslocada,

como enviada especial, para estar no local dos fatos ou que, quando ela mesma não pode ser uma mediadora-testemunha dos acontecimentos narrados, a sua presença é substituída por uma construção discursiva que promove um efeito de proximidade, a partir de uma lógica de pertencimento a uma geopolítica da fonte a ser destacada no conteúdo, com o material produzido pelas agências de notícias (CAVALCANTI, SOARES, 2013).

Desses correspondentes costuma-se exigir que articulem diversas competências para exercerem a função pedagógica do jornalismo. Entre elas, a capacidade de traduzir e contextualizar as notícias para a audiência, construindo versões da realidade a partir do que veem, ouvem, checam (CAVALCANTI, 2014). Para isso, espera-se que dominem outras línguas além da materna e que compreendam o sistema político, econômico, social e cultural tanto da nação que os hospeda quanto da sua (SILVA, 2011). E, cada vez mais, da região onde vive e também da conjuntura mundial.

Na GloboNews, Paternostro (2006, p.126) afirma que “o trabalho dos correspondentes é fundamental, mas, quando o fato acontece e antes do primeiro contato com os repórteres no exterior, são os apresentadores na bancada do estúdio que assumem a responsabilidade pela cobertura”. A jornalista exemplifica com uma situação em que rebeldes armados pró-Chechênia fizeram mais de mil reféns numa escola na cidade de Beslam, na Rússia, em 2004. A operação de resgate empreendida pelos russos, três dias depois, resultou na morte de mais de 300 civis. A emissora acompanhou o desenrolar da intervenção militar ao vivo.

Três dias depois, antes das sete da manhã – horário do Brasil -, as imagens, ao vivo, geradas pelas agências de notícias mostravam que uma agitação tomava conta da escola. Sergio Aguiar estava no camarim se preparando para entrar no ar quando foi chamado às pressas: a polícia russa começava a operação de resgate. Sergio entrou no estúdio. ‘Começou o barulho das explosões e dos tiros. Eu procurava informações nas agências de notícias para a narração, e permanecemos no ar por quase três horas’. Ao lado de Sergio, Sandra Coutinho, editora internacional, fez a tradução simultânea da narração das agências de notícias (PATERNOSTRO, 2006, p.126).

O exemplo demonstra que editores de Internacional e apresentadores da emissora precisam ter competências semelhantes às de correspondentes, uma vez que ao lidarem com a realidade do tempo real em suas rotinas produtivas – mesmo que

distantes dos acontecimentos, na redação ou no estúdio no Brasil –, são demandados a corresponderem a expectativas de contextualização e tradução (não só de línguas) da realidade social de outros países para a audiência da emissora. Contextualizar poderia ser classificado, segundo Vizeu e Adriana Santana (2010, p.42), como “colocar o máximo possível de peças no quebra-cabeça noticioso, contribuindo para que o fato faça parte de uma história, e não visto de forma isolada do mundo que o cerca”.

Os apresentadores, com a orientação e o suporte dos editores, narram sobre as imagens, abastecem-se de informações via agências de notícias, checam com a redação e com as fontes, e recorrem, também, aos seus acervos pessoais de conhecimento sobre o mundo. Nesse processo, devem sempre estar atentos ao rigor do método jornalístico, que “garante a diferença entre o conhecimento que o jornalismo se propõe a oferecer à sociedade e qualquer outra informação que circula nela” (VIZEU; CERQUEIRA, 2017, p.6).

A busca pela informação correta que instrui, orienta e gera o debate social, é início do processo de construção da realidade de maneira responsável e pedagógica do jornalismo. Na há correção sem apurar os fatos, levantar os dados, ouvir diferentes vozes e contextualizar o acontecimento (VIZEU; CERQUEIRA, 2017, p.07).

Além dos correspondentes, enviados, apresentadores e editores, comentaristas (fontes independentes das mais diversas áreas do conhecimento) também compõem o time de profissionais que ajudam a audiência a compreender as questões do mundo. Paternostro (2006) explica como a GloboNews enxerga o papel que esses mediadores assumem nos noticiários da emissora:

Enquanto o jornalista deve manter a imparcialidade no noticiário, o especialista aprofunda a notícia, dá opinião, e, o mais importante, levanta novos pontos para reflexão desses assuntos – exerce, portanto, funções complementares, dando uma dimensão mais ampla às coberturas jornalísticas do canal (PATERNOSTRO, 2006, p.128).

Francisco Carlos Teixeira, professor de História Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que durante muitos anos foi comentarista de temas internacionais na GloboNews, explica como procurava exercer o seu papel.

É preciso entender como nosso País se localiza nessas questões, o que elas refletem no Brasil, sob o ponto de vista político, principalmente,

que é o fundamental. Isso nos obriga a fazer um diagnóstico de conjuntura e, nele, inserir os interesses permanentes do Brasil. Por isso, em muitos momentos, é evidente que temos melhores condições de explicar essas questões do que o conteúdo das agências internacionais, que normalmente não abordam os aspectos que nos interessam (PATERNOSTRO, 2006, p.129).

Fica evidente que o noticiário internacional da GloboNews (e das emissoras de um modo geral) tem uma relação de dependência com as agências de produção de imagens jornalísticas para a televisão. Estas, de fato, solucionam a incapacidade estrutural da emissora de estar presente em todos os lugares onde acontecimentos relevantes ocorrem (NATALI, 2004). Também é evidente, no entanto, que na rotina produtiva dos profissionais que lidam com a realidade dos acontecimentos no mundo, seja no Brasil ou fora das fronteiras do país, esse material é quase sempre apenas ponto de partida. Correspondentes, enviados especiais, colaboradores, apresentadores, editores e comentaristas cumprem a função pedagógica do jornalismo no cenário das notícias internacionais traduzindo, contextualizando, problematizando e aproximando a realidade do mundo da audiência brasileira. Aliás, essa busca parece corresponder ao pacto que a emissora estabelece com seus assinantes: para além da entrega do jornalismo em tempo real, o jornalismo tratado, já decodificado.

Considerações finais

Neste trabalho, procurou-se refletir sobre o Telejornalismo como um espaço de construção social de representações do mundo, tomando como referência a cobertura internacional da GloboNews. Apesar do atual cenário de digitalização e convergência, é possível verificar a centralidade dos noticiários televisivos no Brasil e dizer que os telejornais da emissora desempenham um papel relevante na imagem que a audiência do canal constrói sobre a realidade do mundo.

O principal pacto que a GloboNews faz com os assinantes é oferecer jornalismo em tempo real – sinônimo de programação ao vivo e informação instantânea – bem como profundidade na contextualização e análise dos acontecimentos. Profundidade e análise, especialmente quando entram em cena fatos ocorridos no exterior, ficam ainda mais evidentes na programação da emissora, uma vez que, cumprindo a função pedagógica do jornalismo, busca organizar e traduzir o que acontece fora do país para a

audiência do canal. A responsabilidade por esses processos de construção social da realidade é de correspondentes, enviados especiais e colaboradores no exterior, mas também de apresentadores, editores e comentaristas, que contam com material exclusivo ou de agências de notícias.

Referências

- AGNEZ, Luciane Fassarella. A Profissão de Correspondente Internacional: Entre Ameaças e Oportunidades. **In:** Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba, 2012.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAVALCANTI, A. Carolina V. **A cobertura internacional do Jornal Nacional: correspondentes, enviados especiais e usos de tecnologias**. Florianópolis: Insular, 2014.
- CAVALCANTI, A. Carolina V.; SOARES, Thiago. A cobertura internacional do Jornal Nacional: Efeitos de proximidade e os fatos “a partir de uma perspectiva brasileira”. **In:** Anais do 36º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, 2013.
- CORREIA, João Carlos. **A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e Público: sobre a natureza do serviço e das parcerias. **In:** **Telejornalismo em questão**. Alfredo Vizeu et al (organizadores). Florianópolis: Insular, 2014.
- COUTINHO, Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. **In:** **Televisão e Realidade**. Org. Itania Maria Mota Gomes. Salvador: Edufba, 2009.
- FECHINE, Yvana. Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal. **In** **Televisão: entre o mercado e a academia**. Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro (orgs.). Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.
- COUTINHO, Iluska. **Televisão e Presença**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.
- GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de análise de telejornalismo. **In:** **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Itania Maria Mota Gomês (Org.). Salvador: EDUFBA, 2011.

- GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo**: cómo se forma el presente. México: Paidós, 1991.
- JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2009.
- MESQUITA, Giovana. Interfiro, logo existo: como a audiência potente muda a rotina jornalística no mais antigo jornal em circulação da América Latina. In: **DISPOSITIVA**, Belo Horizonte, PUC-Minas, n.º 1, v. 5. P.39-59.
- NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.
- PATERNOSTRO, Vera Íris (Org). **GLOBONEWS: 10 anos, 24 horas no ar**. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- PORCELLO, Flávio A. C. TV e poder: as relações sombrias que ajudam a fazer a história recente do Brasil. In: **Telejornalismo: a nova praça pública**. Alfredo Eurico Vizeu, Célia Ladeira Mota e Flávio Antônio Camargo Porcello (organizadores). Florianópolis: Insular, 2006.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente Internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.
- SCHUDSON, Michael. Como saber se uma notícia é falsa? In: **Observatório da Imprensa**, edição 954, 15 de agosto de 2017. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/edicao-brasileira-da-columbia-journalism-review/como-saber-se-uma-noticia-e-falsa/> Acesso em: 05/01/2018
- SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**: escritos I. 2. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. Saberes da pedagogia no Telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPIOR, São Paulo – SP, 2017.
- VIZEU, Alfredo. Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 860-877, setembro-dezembro 2014.
- VIZEU, Alfredo; SANTANA, A. O lugar de Referência e o Rigor do Método no Jornalismo: algumas considerações. In: **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 22, p. 38- 48, janeiro/junho 2010.
- VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009, quadrimestral.
- VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo**: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: A sociedade do Telejornalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.